

## O RISO E A CORAGEM DA VERDADE NA BUENOS AIRES DE ROBERTO

ARLT

Graziele Camilo da Costa (UFU)<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho analisaremos os personagens das crônicas da obra *Aguafuertes Porteñas* de Roberto Arlt. Esses personagens são tipos típicos da cidade que resistem às normas sociais impostas por meio do riso e da coragem da verdade, proposta pelo filósofo Michel Foucault como uma *estética da existência*. Pretende-se aproximar os tipos de Arlt dos filósofos cínicos. Sendo assim, os estudos sobre o riso são feitos à luz da teoria de Henri Bergson (2002) e os estudos sobre o Cinismo estão inspirados no em Michel Foucault (2011). Os resultados concluem que os tipos de Arlt possuem um *ethos* Cínico e mostram que existem possibilidades de existência além das regras que são impostas pela sociedade.

**Palavras-chave:** Ética-estética; Riso; Cinismo; Aguafuertes Porteñas.

Roberto Emilio Godofredo Arlt foi um escritor e jornalista argentino considerado um dos maiores nomes da literatura latino-americana. Apesar de seu reconhecimento, o escritor não é muito divulgado e uma das razões pode ser o fato de ele optar pelo uso de um castelhano particular ligado ao lunfardo, que é um dialeto utilizado pelos moradores dos subúrbios da cidade de Buenos Aires. A opção pelo lunfardo dificulta sua tradução, limitando, então sua divulgação.


Arlt, em suas obras, contesta a hierarquização de saberes e valoriza o saber popular. Nelas há relatos sobre o cotidiano como observações da vida e costumes das cidades. Sendo assim, o autor faz homenagens aos tipos que vivem na cidade de Buenos Aires e uma dessas homenagens é a obra *Aguafuertes Porteñas*, a qual será analisada.

Essa obra está composta por crônicas que foram publicadas no jornal *El Mundo* entre os anos 1929 e 1933. Com humor e ironia, Arlt homenageia tipos automarginalizados cujo caráter irreverente conquista seus leitores. Prova disso, é o fato de que quando as crônicas eram publicadas, o jornal era vendido quase exclusivamente em razão dos seus escritos. Esses personagens vão contra as normas impostas e optam por viver uma vida que, para eles, é bela e prazerosa.

O objetivo desse trabalho é analisar os tipos de Arlt de acordo com o estilo de vida que possuem e aproximá-los dos cínicos, filósofos da Antiguidade Grega que praticavam a corrente filosófica denominada Cinismo. Defendemos que o estilo de vida desses personagens coincide muito com o dos cínicos.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras/Espanhol (UFU), Mestranda em Estudos Literários (UFU), bolsista FAPEMIG. Contato: grazzi\_camilo@hotmail.com.




Antes de analisar as crônicas veremos algumas questões teóricas. Um “tipo”, segundo o estudioso Henri Bergson, é um personagem cômico que apresenta traços gerais e coletivos, ou seja, os personagens que são “tipos” não possuem nomes. Eles são identificados por características, por exemplo, o bêbado, o malandro. Ainda segundo Bergson, o cômico é uma causa em desvio do que é comum, é inconsciente. Por exemplo, a forma que Chaplin caminha com os pés abertos é cômica, pois não é comum as pessoas caminharem daquela forma. Por serem cômicos, os tipos nos causam riso, que é “certo gesto social, que ressalta e reprime certo desvio especial dos homens e dos acontecimentos” (BERGSON, 1978, p. 43). Vale ressaltar que o que causa riso em um pode não causar riso em outro, o mesmo vale para diferentes culturas.

Cada crônica de Roberto Alrt possui um tipo como personagem principal. Alguns deles são: o malandro, o solteirão, o vagabundo, o homem traído, entre outros. Esses personagens são típicos da cidade, definida por Michel de Certeau (2009, p. 161) como um espaço limitado e “nesse lugar organizado por operações ‘especulativas’ e ‘classificadoras’, combinam-se gestão e eliminação”, ou seja, a cidade é um lugar que classifica de acordo com as relações de poder e aqueles que não se enquadram são excluídos. Podemos afirmar que os tipos das crônicas são excluídos, pois optam por não se enquadrarem nos padrões, resistindo às normas impostas, tornando-se, então, automarginalizados.

Os personagens resistem às normas de duas formas: por meio do riso, que é um recurso estético proposto como uma irreverência que resiste à normalização de condutas e pela coragem da verdade – *parresía* – proposta pelo filósofo Michel Foucault como uma *estética da existência*, ou seja, uma proposta ético-estética para a própria vida. É estética, pois dá prazer, tratando a vida como uma obra de arte e ética, pois é um estilo de vida que agrada a si mesmo sem prejudicar o outro. Por meio da ética cria-se um estilo de vida que não obedece aos dispositivos de poder, como o Direito, família, igreja, entre outros. Sendo assim, consideramos que o estilo de vida dos personagens é extremamente próximo da filosofia prática dos cínicos da Antiguidade Grega.

Os cínicos praticavam a filosofia denominada Cinismo criada por Antístenes, discípulo de Sócrates e tem como principal representante Diógenes de Sínope. Seus principais ideais são o desprezo pelas honras, pela riqueza e pelas convenções.




Esses filósofos possuem um estilo de vida extremamente marcante articulado no princípio ilimitado e corajoso de dizer a verdade. Por essa razão, Michel Foucault os denomina “o homem da *parresía*”, ou seja, da palavra franca, da fala livre, da veracidade. Os cínicos mostravam sua verdade por meio do estilo de vida. Viviam do mínimo necessário para sobreviver, consumiam o que era oferecido pela natureza, não possuíam residência fixa, não tinham apego à família nem à riqueza e eram contra a nobreza de nascimento e as convenções. A apreciação da natureza tinha papel fundamental em suas vidas e eles buscavam uma vida natural, menos pautada no ensino formal e na cultura, privilegiando a oralidade. Por essa razão não temos muitos escritos relacionados a essa filosofia, tudo o que temos são relatos de historiadores, como por exemplo, Diógenes Laértios, que publicou o livro *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*.

É possível fazer algumas aproximações entre os tipos de Arlt e os filósofos cínicos: eles prezam pela liberdade e independência, não possuem ambições materiais, alguns não possuem residência fixa e alguns priorizam a apreciação da natureza. Analisaremos algumas crônicas exemplificando essas aproximações.

A primeira crônica é intitulada “Diálogos de *lechería*” e tem como personagem principal um “solteirão”. Como já havia afirmado anteriormente, os personagens não possuem nomes e sim características gerais, pois são tipos típicos da cidade de Buenos Aires.

Nessa crônica há um diálogo entre um casal em uma *lechería*, estabelecimento que vende produtos lácteos. Desde o início da crônica o narrador é irônico, pois afirma que esse estabelecimento é um local frequentado por famílias, porém quando iniciamos a leitura do diálogo entre o casal percebemos que o tipo se recusa a constituir família com sua companheira:

Ella. -Si no me juraste amor eterno, en cambio me dijiste que me querías...  
El Tipo. -Eso es harina de otro costal. Una cosa es querer... y otra cosa, querer siempre. Cuando yo te dije que te quería, te quería. Ahora...  
Ella (amenazadora). -Ahora, ¿qué?  
El Tipo (tranquilamente).- Ahora no te quiero como antes.  
Ella. -¿Y cómo me querés, entonces?  
El Tipo (con mucha dulzura).- Te quiero... ver lejos... (ARLT, 2005, p. 20)



A mulher questiona o companheiro afirmando que ele lhe jurou amor eterno, porém o tipo, que inclusive é identificado como *El tipo* na crônica, quer terminar o relacionamento, pois não quer se casar. Vemos, então, que o personagem age de acordo com suas vontades sem se preocupar com a reação dos outros, visto que é socialmente aceitável um homem se casar e constituir família. Portanto, assim como os cínicos, o tipo se recusa a cumprir essa convenção, decidindo viver sozinho. A atitude do tipo causa riso, principalmente com sua última fala, pois ele rompe com o que se espera que será dito com o início da frase, surpreendendo o leitor.

O tipo também aconselha a mulher a viajar:


Ella. -Un descarado como vos no he conocido nunca.

El Tipo. -Por eso siempre te recomendé que viajaras. Viajando se instruye uno. Pero no vayas a viajar en ómnibus, ni en tranvía. Tomá un vapor grande, grandote, y andate... andate lejos. (ARLT, 2005, p. 20)

O trecho acima tem duas interpretações: o tipo aconselha a mulher a viajar para que possa se ver livre dela, mas também para que ela conheça outras pessoas, outras culturas. Ao sugerir que a mulher viaje para conhecer coisas novas, o personagem tem uma atitude que não é aceita em seu tempo, pois a mulher deveria se casar e cuidar da casa, dos filhos e do marido. Sendo assim, sua atitude mostra sobre sua personalidade, que se assemelha à dos cínicos, pois é um tipo que não se prende a nada e sugere à mulher que faça o mesmo. Nesse trecho, percebe-se também como *El tipo* valoriza a experiência estética, sugerindo que a personagem aprecie as viagens que fizer e conheça o máximo de lugares que puder.

A próxima crônica é “Divertido origen de la palabra *squenum*” e tem como personagem principal o *squenum*. *Squenum* é uma palavra do lunfardo que possui origem italiana e se refere a uma pessoa que não trabalha e não faz questão de trabalhar. No decorrer da crônica, o narrador explica de forma muito divertida que o prazer do *squenum* é não fazer nada e o que lhe interessa é seu bem-estar. No final, ele faz a seguinte afirmação:

Entre todos los de la familia que son activos y que se buscan la vida de mil maneras, él es el único indiferente a la riqueza, al ahorro, al



porvenir. No le interesa ni importa nada. Lo único que pide es que no lo molesten, y lo único que desea son los cuarenta centavos diarios, veinte para los cigarrillos y otros veinte para tomar el café en el bar donde una orquesta típica le hace soñar horas y horas atornillado a la mesa. (ARLT, 2005, p. 70)


Nesse trecho, vemos que o personagem não se preocupa com dinheiro e economias e por essa razão não vê a necessidade de trabalhar. Essa opção vai contra uma convenção social, pois espera-se que um homem trabalhe e consiga sustentar sua família, mas o *squenum* é indiferente a isso. Vemos também que o *squenum* não se preocupa com o futuro, mas, sim, com o presente, ignorando mais uma convenção, pois, de acordo com as convenções, é necessário pensar no futuro e estar preparado para qualquer situação, o que inclui situação financeira e até a morte. Para o *squenum*, o básico basta para sobreviver, o que no seu caso são quarenta centavos diários para o café e o cigarro, ou seja, ele vive do mínimo necessário para sua sobrevivência e seu prazer. Quando o narrador afirma “lo único que pide es que no lo molesten” temos um exemplo da *estética da existência*, pois o tipo pratica a ética, ou seja, vive como quer sem incomodar o outro e com a condição de que tampouco o outro o incomode. Ademais, pratica a estética, pois vive da maneira que é bela e prazerosa para ele.

Os cínicos também vivem do mínimo necessário para sobreviver, ou seja, praticam a “ética do mínimo”, preocupam-se apenas com o presente, rejeitam a riqueza e praticam a *estética da existência*. É importante ressaltar também que o *squenum* se permite sonhar ao som de uma orquestra, valorizando o imaginário e a experiência estética.

Há uma anedota de Diógenes relacionada à ética do mínimo que podemos usar para comparar com o personagem *squenum*:

Diógenes que tinha como única louça uma cuia, uma tigelinha em que tomava água, vê perto de uma fonte um garotinho que junta as mãos em forma de cuia e bebe nelas. Nesse momento Diógenes joga fora sua cuia, dizendo que é uma riqueza inútil.” (FOUCAULT, 2011, p. 228)

Para Diógenes a cuia passou a ser inútil, pois descobriu que poderia tomar água com a mão. Da mesma forma o trabalho para o acúmulo de riquezas para o *squenum* é inútil, pois bastam quarenta centavos diários.



O próximo personagem a ser analisado é o “vagabundo” presente na crônica “El placer de vagabundear”. Em espanhol a palavra “vagabundo” se refere a uma pessoa que vaga pelas ruas, caminha, ou seja, o termo não possui sentido pejorativo como em português.

Esse tipo não possui residência fixa e convive com todos os tipos de pessoas. O narrador explica no início da crônica o que é necessário para ser um “vagabundo”:


Ante todo, para vagar hay que estar por completo despojado de prejuicios y luego ser un poquitín escéptico, escéptico como esos perros que tienen la mirada de hambre y que cuando los llaman menean la cola, pero en vez de acercarse, se alejan, poniendo entre su cuerpo y la humanidad, una respetable distancia.” (ARLT, 2005, p. 115)

De acordo com o narrador, o vagabundo não deve ter preconceitos e precisa ser *escéptico*, ou seja, não acreditar em tudo, duvidar. Essas características também são comuns aos cínicos. Os cínicos conviviam com todos os tipos de pessoas nas ruas e sempre questionavam o que viam e o que escutavam. O narrador também compara o vagabundo com o cachorro, pois esse animal é sempre desconfiado. Os cínicos também se comparam com os cães, inclusive a palavra “cínico” vem da raiz grega *kýon*, que significa cão. A razão para essa comparação se dá pelo fato de eles se considerarem destemidos e viverem, literalmente, uma vida de cão.

Ao final, o narrador afirma que o maior de todos os vagabundos, que é um caminhante, foi Jesus:

Sin embargo, aún pasará mucho tiempo antes de que la gente se dé cuenta de la utilidad de darse unos baños de multitud y de callejeo. Pero el día que lo aprendan serán más sabios, y más perfectos y más indulgentes, sobre todo. Sí, indulgentes. Porque más de una vez he pensado que la magnífica indulgencia que ha hecho eterno a Jesús, derivaba de su continua vida en la calle. Y de su comunión con los hombres buenos y malos, y con las mujeres honestas y también con las que no lo eran. (ARLT, 2005, p. 116-117)

O narrador nos mostra nesse trecho a importância da convivência com todos os tipos de pessoas. Por meio do contato, as pessoas se tornam mais sábias, mais perfeitas e aprendem a perdoar. Cita Jesus como principal exemplo de caminhante, pois este sabia como conviver com todos, sem preconceitos e julgamentos devido à vida nas ruas.



Sendo assim, aquele que opta por conviver com outras pessoas no espaço urbano vai contra uma convenção imposta, pois as instâncias de poder reforçam que devemos ser individualistas e nos preocupar somente com o trabalho e o acúmulo de riquezas. Ao conviver com o outro, é possível aprender e conhecer estilos de vida diferentes dos nossos, o que para as instâncias de poder não é interessante. Segundo Michel de Certeau,

o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis (por exemplo, criando atalhos e desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos e obrigatórios). Selecciona, portanto. (CERTEAU, 1998, p. 165)

Vemos então, que aquele que caminha e convive com o outro consegue ver outras possibilidades além das que são impostas e consegue selecionar qual caminho quer seguir e não somente aquele que é “obrigatório”.


Concluimos então que os personagens, assim como os cínicos, resistem às normas sociais impostas por meio do riso e da coragem da verdade, mostrando sua verdade por meio do modo de vida. Concluimos também que apesar de os tipos de Arlt irem contra as normas impostas, eles ativam o imaginário do leitor e os conquistam, mostrando que existem outras possibilidades de existência além das que são impostas pela sociedade.

### **Referência bibliográficas**

ARLT, Roberto. *Aguafuertes porteñas*. Buenos Aires: GZ Editores, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)*. 1. ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.



LAÉRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2. ed. Brasília: EDU-UNB, 2014.

MADRID, Luis Miguel. *La obra Aguafuertes Porteñas*. Disponível em: <[http://cvc.cervantes.es/literatura/escritores/arlt/obra/obra\\_04.htm](http://cvc.cervantes.es/literatura/escritores/arlt/obra/obra_04.htm)> Acesso em: 05 mai. 2017.